



Vulnerabilidade da Mata Atlântica no Sul da Bahia frente à Expansão da Fronteira Econômica

Katia Guimarães Sousa Palomo ¹

RESUMO:

Este artigo apresenta a vulnerabilidade da Mata Atlântica existente na região norte da cidade de Ilhéus (BA) a partir da proposta de criação de uma nova fronteira econômica: o empreendimento Porto Sul. São apresentados conceitos para o termo fronteira, suas principais tipologias e aspectos relacionados à vulnerabilidade da Mata Atlântica na região. A partir da revisão teórica sobre o tema "fronteira" foram identificadas as sobreposições existentes no caso da futura implantação do empreendimento denominado Porto Sul. Para tanto, utilizou-se como metodologia o estudo de caso qualitativo, descritivo, a partir da análise de documentos públicos e de entrevista não estruturada. O objetivo deste artigo, portanto, é identificar, em termos de conservação da biodiversidade, se a fronteira ecológica poderá coexistir em com esta nova fronteira econômica.

Palavras chave: Impacto Ambiental; Conservação; Fronteira.

¹ Mestre em Administração pela Universidade de Brasília – UnB. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília. Brasil. katia.palomo@ifb.edu.br

A biodiversidade existente na Mata Atlântica é considerada uma das mais ricas do Brasil mas, ao mesmo tempo, é altamente vulnerável frente ao constante processo de expansão urbana, turística, industrial e agropecuária. Pesquisas anuais apontam que nos três últimos anos tem sido crescente o nível de desmatamento nesse bioma (Lino & Dias 2014).

O presente artigo expõe uma sucinta revisão teórica acerca do tema fronteira, suas tipologias, relacionando-a à vulnerabilidade da Mata Atlântica em face de um cenário de implantação do empreendimento denominado Porto Sul, situado ao norte da cidade de Ilhéus (BA), no estado da Bahia.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho, sob a concepção de Merriam (2002), foi categorizada como estudo de caso qualitativo, pois buscou compreender alguns processos sociais envolvidos no contexto específico do objeto de estudo proposto. No mesmo sentido, caracterizou-se por ser descritivo, pois apresenta um fenômeno social, suas principais características, relações, complexidades e demais aspectos envolvidos.

A coleta de dados para o presente estudo de caso, baseou-se em documentos públicos como o Relatório de Impacto Ambiental Porto Sul (RIMA) do Departamento de Infraestrutura de Transportes da Bahia (DERBA), os Mapas de Unidade de Conservação e dos Biomas das Unidades de Conservação, ambos da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Governo da Bahia. Tais dados foram de extrema importância para a descrição da região, do fenômeno, no objeto de estudo deste trabalho.

Este artigo tem como objetivo identificar se, em termos de conservação da biodiversidade, a fronteira ecológica poderá coexistir em sobreposição à fronteira econômica proposta pelo empreendimento Porto Sul.

Ao final, foi possível identificar quais os prováveis impactos da implantação do Porto Sul na região. Da mesma forma, este estudo possibilitou o reconhecimento das interações forçadas pela fronteira econômica que pode romper e desconstruir as fronteiras ecológicas, tornando-as mais vulneráveis, ao invés de sobrepô-las em equilíbrio.

FRONTEIRA: UMA CONSTRUÇÃO CONCEITUAL

O conceito de fronteira não se limita apenas à concepção geopolítica na qual são definidos os limites espaciais de países, estados e municípios. A fronteira possui também outras conotações, como as dimensões sociais, históricas e econômicas que podem extrapolar os limites geopolíticos definidos. A complexidade de se construir um conceito genérico para o termo fronteira, ou seja, para algo tão dinâmico e iterativo, é que conduz os variados estudiosos do tema a idealizarem conceitos em face das particularidades de cada objeto de estudo.

Segundo Drummond (2007), o conceito de fronteira deve combinar dimensões geográficas, já que envolve relações de distância e isolamento; dimensões demográficas, pois o crescimento populacional e as migrações interferem nessa variável; dimensões institucionais, definidas pelas leis vigentes e pelas organizações que influenciam a sociedade; dimensões produtivas, nas quais os investimentos em infraestrutura e em recursos naturais se apresentam, e dimensões da coesão social, expostas por valores culturais e conflitos entre grupos sociais.

Para suprir o vazio conceitual, Haller et al. (2000) propõem a caracterização de sub-fronteiras. Neste sentido, Drummond (2007) apresenta conceitos com dimensões e especificidades locais, como a fronteira “móvel clássica”, caracterizada pela ocupação de espaços agrestes e não cultivados, como uma oportunidade de expansão da comunidade; a fronteira “paraquedas”, que se caracteriza por ser geralmente temporária, pequena e longe dos centros; a fronteira “de linha”, cuja aparência longa e estreita é moldada pelas faixas de terra desmatadas e ocupadas ao longo de rios, estradas ou ferrovias, e a fronteira “de investimento concentrado”, que surge ao redor de empreendimentos públicos ou privados que, mesmo não empregando diretamente os membros da comunidade, geram empregos indiretos para os moradores locais.

Nesse contexto, explicar as fronteiras e sub-fronteiras é também compreendê-las em constante mutação, pois suas características podem se alterar ou se combinar mutuamente. Esse é um dos motivos pelo qual as fronteiras não podem ser analisadas exclusivamente sob um único ponto de vista, seja ele político, geográfico, social, econômico ou ecológico.

As fronteiras, por serem dinâmicas, sofrem influências dos interesses e vieses adotados pelos atores de poder. Pode-se perceber a redefinição da fronteira, por exemplo, quando há um vazio institucional do Estado, possibilitando a outros atores de poder assumirem esse vazio. Trata-se, portanto, de um exemplo de como uma fronteira social sobrepõe-se a uma linha geográfica ou politicamente definida.

Russell-Wood (1988), por sua vez, apresenta categorias de fronteiras a partir de visões produtivas, culturais e políticas, tais como a Fronteira das Missões, Indígenas, Marrom (Quilombos), Mineração, Gado, Agrícola, Borracha, Anglo-hispânico e Política. Tais visões geraram movimentos migratórios, em face das oportunidades econômicas. Nesse contexto, explicar fronteiras é perceber suas características, alterações ou mesmo combinações.

A definição do termo fronteira também é influenciada pela dinâmica e multiplicidade de variáveis presentes em cada contexto social, espacial, econômico e cultural de uma região. O conceito de fronteira para a sociedade norte-americana, como exemplo, é revestido de significado místico,

vinculado à busca permanente por novos “oestes”, ou seja, por oportunidades ilimitadas de progresso e de libertação (Hennessy 1978). Isto significa que a percepção de fronteira para os Estados Unidos está relacionada a um espaço aberto para a conquista: uma terra livre. Diferentemente da concepção europeia de fronteira que perpassa pela definição de limites e de divisas fortificadas que separam populações.

A ocupação da fronteira geralmente é contada a partir da história de grupos humanos, com a representação da civilização versus o selvagem, o indomável. Com esta percepção, Turner (1976) conceitua fronteira como o encontro entre o mundo selvagem e a civilização, onde os conflitos, geralmente inevitáveis, se justificam pelo processo migratório.

No Brasil, a ampliação das fronteiras internas foi viabilizada por desbravadores que partiam do litoral para o interior do País, principalmente em busca de recursos naturais e de mão de obra. O formato de ampliação da fronteira brasileira criou grandes vazios populacionais, produtivos e institucionais pois caracterizava-se por ondas de ocupação, muito vinculadas à prosperidade dos seus ciclos econômicos. A ampliação da fronteira brasileira desvinculava-se da sua colonização, pressuposto que pouco contribuiu para a dinâmica econômica, política e social do país como um todo.

Para Oliveira (2000), a fronteira e suas formas de ocupação são capazes de moldar a identidade nacional, a forma de pensar e a forma de agir de uma sociedade. Neste sentido, é perceptível que a identidade brasileira é diferenciada entre o litoral e o sertão (interior). O litoral apresenta-se geralmente como a fronteira da civilização, enquanto que o sertão é visto como uma espécie de purgatório, na ótica de Guimarães Rosa (1967), como um inferno, na visão de ordem política e cultural de Cunha (1963), ou, contraditoriamente, como um paraíso, para o próprio sertanejo.

CARACTERÍSTICAS E VULNERABILIDADES DA MATA ATLÂNTICA

Diferentemente dos autores anteriormente abordados, as fronteiras pensadas por Dean (1996) possuem como referência o ponto de vista da floresta, onde todos os grupos humanos passam a ser percebidos como invasores, posto que a existência da floresta é anterior à presença humana. Com esta visão, o autor defende que a lógica de ocupação e de geração de riquezas tem contribuído para a destruição da floresta, mais particularmente, da Mata Atlântica.

De fato, a derrubada de árvores nativas para comercialização da madeira e posterior ocupação e domínio dos espaços, ocorre em detrimento da conservação desse importante bioma que, em decorrência da riqueza de sua biodiversidade, é considerada a floresta mais rica do mundo.

Estima-se que no período do descobrimento do Brasil, o bioma Mata Atlântica cobria 15% do território, em uma área estimada de 1.306.421 km². Em 2006, esta área já se encontrava reduzida a 7,8%

da área original, com apenas 102.000 km² preservados (Campanili & Prochnow 2006 p.18). A redução de 92,19% da Mata Atlântica produziu fragmentos nos quais ainda sobrevivem mais de 20 mil espécies de plantas, sendo oito mil categorizadas como endêmicas², e 1,6 milhão de espécies de animais, incluindo os insetos. Das 261 espécies de mamíferos, 73 são endêmicas. Das 620 espécies de aves existentes, 181 são endêmicas. O bioma acolhe ainda 280 espécies de anfíbios, sendo 253 delas endêmicas e 200 espécies de répteis, das quais 60 são endêmicas (Campanili & Prochnow 2006 p.18).

A cidade de Ilhéus, situada na Região Cacaueira, abriga uma área de produção bastante tradicional. O seu sistema de cultivo é conhecido como “cabruca” e tem sido utilizado por séculos na região. Neste sistema, árvores nativas são fundamentais para o cultivo de cacau, pois fornecem o necessário sombreamento para as plantas (Campanili & Prochnow 2006).

Cabe destacar que a produção cacaueira na Bahia, cujo início se deu há mais de 260 anos, proporcionou oportunidades e desafios. Desde a criação do município de Ilhéus, no ano de 1890, a região passou a prosperar devido à fertilidade de suas terras e ao retorno financeiro obtido pelo cultivo de cacau. Em 1979, o cacau foi responsável por cerca de 6,2% do PIB brasileiro (Fernandes 1996) e, em 1987, a região produzia 400 mil toneladas, alcançando o seu pico produtivo. No entanto, após a detecção da doença denominada “vassoura-de-bruxa”, a produção cacaueira declinou drasticamente (CEPLAC 2011).

Aliada a esta situação, a queda do preço do cacau no mercado internacional motivou a exploração das madeiras remanescentes da Mata Atlântica, das cabrucas e a conversão destas em pastos e cafezais. O avanço do desmatamento ilegal incentivou o setor madeireiro do Sul e extremo sul da Bahia a desmatar quase um terço dos 600.000 hectares nos quais eram cultivados o cacau, sob o sistema cabruca (Campanili & Prochnow 2006).

A partir desta realidade da Mata Atlântica é possível compreender melhor o termo “vulnerabilidade”. Quando o ser humano cria uma modificação ou perturbação nas características de uma região, a mesma pode interagir com o tipo e magnitude da alteração, produzindo efeitos adversos.

Para compreender nível de vulnerabilidade ambiental é preciso analisar o nível de resiliência do ecossistema afetado. Por resiliência, entende-se a capacidade de um sistema se recompor para alcançar o equilíbrio ou estabilidade anteriormente existente ao distúrbio provocado (Santos 2007).

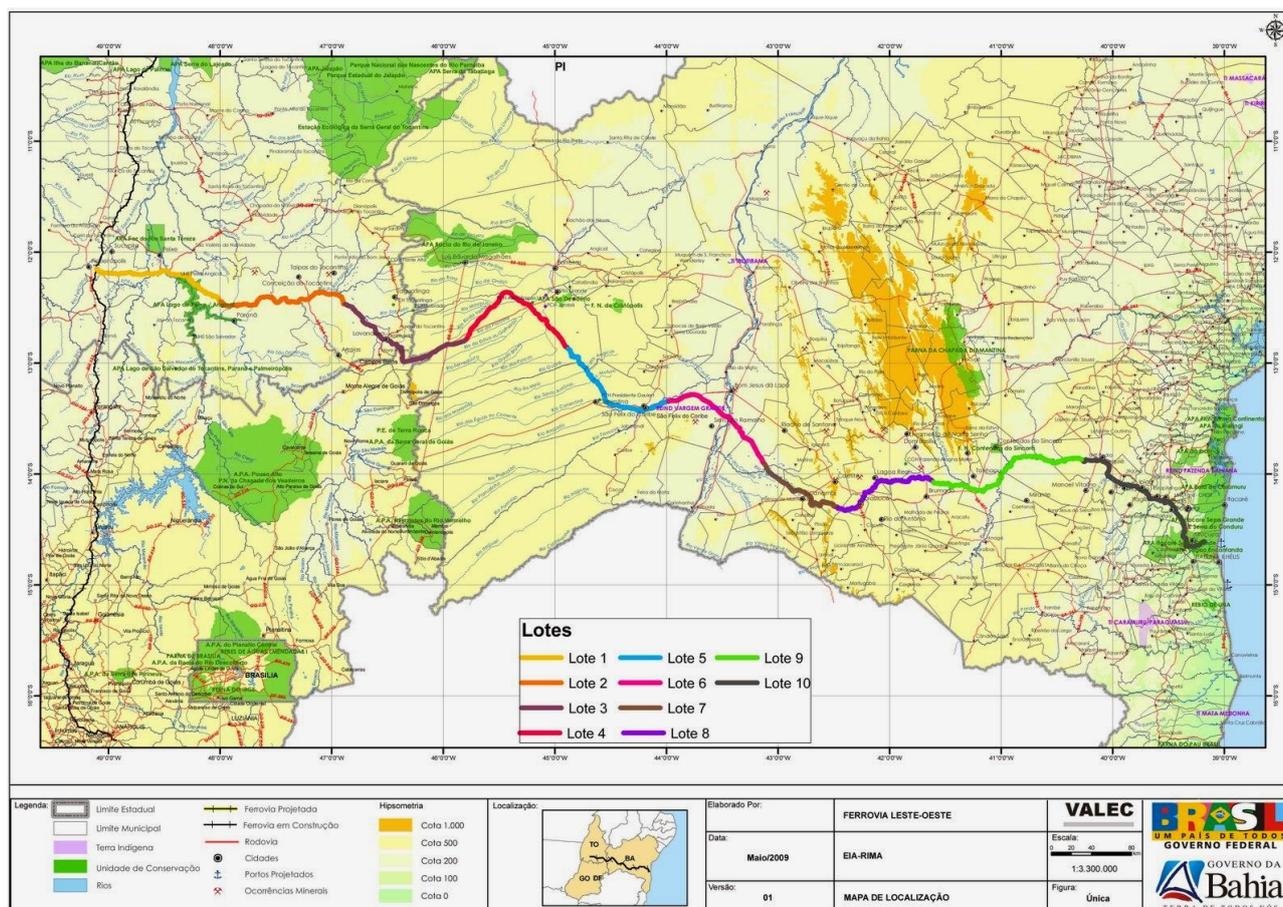
² en.dê.mi.co adj. (*endemia+ivo*²) 4 *Biol* Restrito a uma determinada região, ou nela nativo; indígena: *Espécies endêmicas da Amazônia*. (Michaelis. Dicionário de Português Online); Espécies que não existem em nenhum outro lugar do Planeta sendo que a destruição do seu habitat natural pressupõe a própria extinção das espécies.

Os resquícios da Mata Atlântica existentes ao norte da cidade de Ilhéus, no estado da Bahia, estão em grande parte preservados nas Áreas de Preservação Ambiental (APA) da Lagoa Encantada e Rio Almada, nos corredores ecológicos, como o Corredor Central da Mata Atlântica, no mini-corredor e no Parque Estadual da Serra do Conduru. É possível afirmar que essas são as principais fronteiras ecológicas formalmente delimitadas na região do litoral norte da cidade de Ilhéus cuja fronteira política é compartilhada pela cidade de Itacaré.

O EMPREENDIMENTO PORTO SUL E AS PRINCIPAIS FRONTEIRAS ENVOLVIDAS

O Porto Sul é um empreendimento integrante do Planejamento Estratégico do Estado da Bahia e corresponde ao extremo leste da Ferrovia de Integração Oeste-Leste (FIOL) até sua chegada no Oceano Atlântico. A Ferrovia objetiva articular o porto marítimo a ser construído na região litorânea do norte de Ilhéus (BA) com as regiões produtivas do oeste baiano e do Brasil Central (Figura 01).

Figura 01. Ferrovia de Integração Oeste-Leste



Fonte: Valec.gov.br

1. FRONTEIRA ECOLÓGICA

A região na qual foi planejada a implantação do Porto Sul caracteriza-se pelo bioma da Mata Atlântica e congrega, no perímetro de 10 km, Áreas de Proteção Ambiental (APA), minicorredores, o Corredor Central da Mata Atlântica e as Unidades de Conservação do Parque Estadual da Serra do Conduru (PESC) e da Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) do Salto do Apepique, próximo à Itacaré (Bahia 2011).

Registros oficiais indicam que alguns remanescentes da Mata Atlântica (floresta ombrófila) podem ser encontrados nas Unidades de Conservação da região, como na Área de Proteção Ambiental – APA da Lagoa Encantada e Rio Almada. Espécies como a sucupira, a maçaranduba, o arapati, a gindiba, os louros, o embiruçu, a juerana, a biriba, a sapucaia, o vinhático, o pau-d'óleo e o jatobá estão presentes na região.

Foram registrados também uma grande diversidade de pacas, caetitu, macaco-prego, morcegos que se alimentam de frutas e uma espécie de morcego hematófago. Cabe destacar que o macaco-prego, uma espécie criticamente em perigo de extinção, se faz presente na região estudada.

Da avifauna, foram identificadas 141 (cento e quarenta e uma) espécies, sendo 10 (dez) espécies endêmicas do bioma Mata Atlântica. A ave identificada como “chorozinho-de-boné” encontrada na região é uma espécie listada como “Vulnerável” em nível nacional e global, evidenciando a vulnerabilidade desse ecossistema e do seu impacto a nível da preservação das espécies. O beija-flor-canela, também encontrada na região, é uma espécie listada como “Em perigo” de extinção em nível nacional e global.

Na região analisada pelo Relatório de Impacto Ambiental do Porto Sul (RIMA) também estão situados estuários, manguezais, áreas úmidas e restingas de grande importância para a biodiversidade local (Bahia 2011).

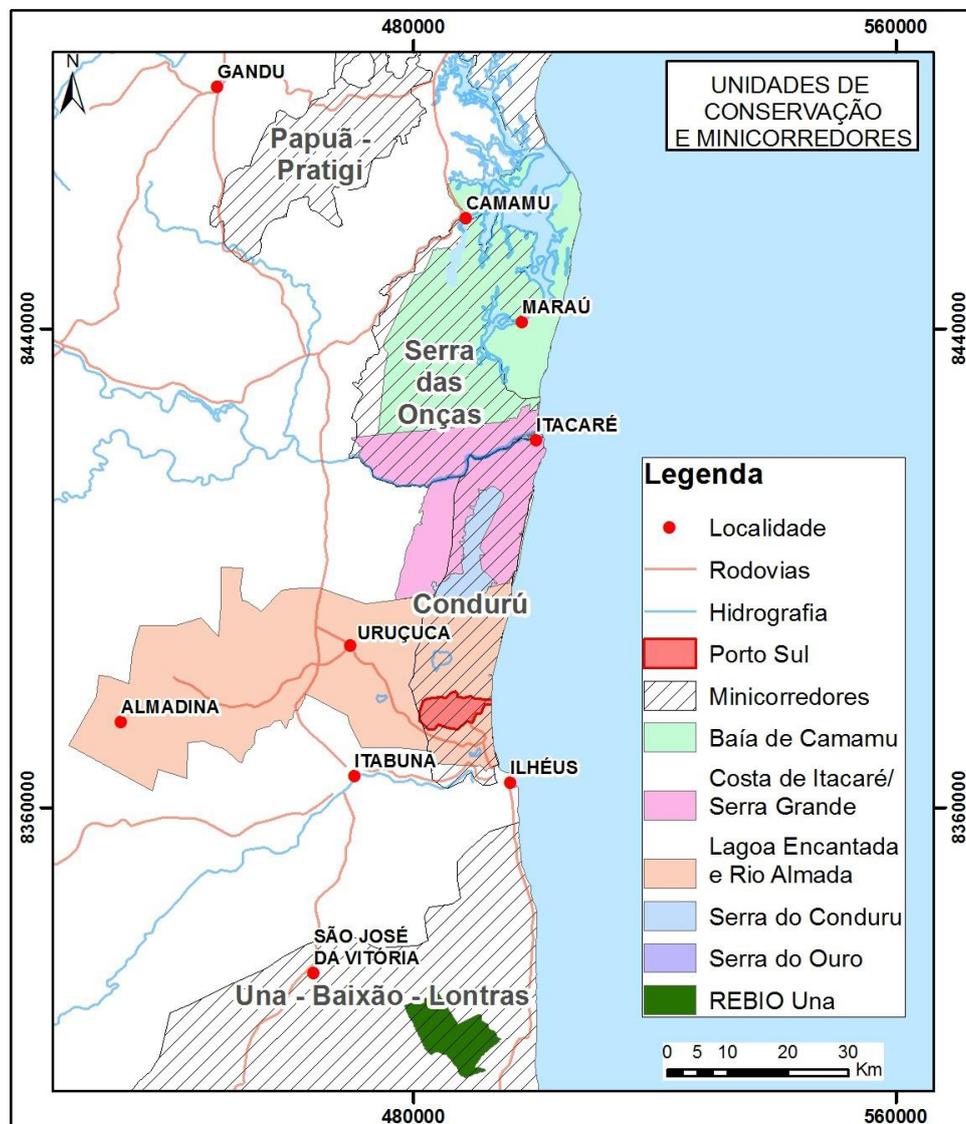
Analisando as informações de modo mais detalhado, é possível identificar que a parte terrestre do empreendimento Porto Sul está totalmente inserida na Área de Proteção Ambiental (APA) da Lagoa Encantada e Rio Almada, como podem ser observado na Figura 02.

Nessa pequena exposição, já é possível identificar a importância da preservação do ambiente local e as múltiplas fronteiras ecológicas que se sobrepõem em equilíbrio.

No entanto, segundo Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) (Bahia 2011) foram identificados no meio biótico trinta e oito impactos, sendo trinta e seis deles, negativos. Os impactos considerados não mitigáveis, dizem respeito ao afugentamento dos peixes, mortandade dos animais do fundo do mar e de peixes de baixa mobilidade durante a dragagem, de perda de habitat marinho de

fundo consolidado, com o risco de interferências no comportamento de golfinhos e baleias e alterações na distribuição dos peixes.

Figura 02. Unidades de Conservação e Minicorredores da região



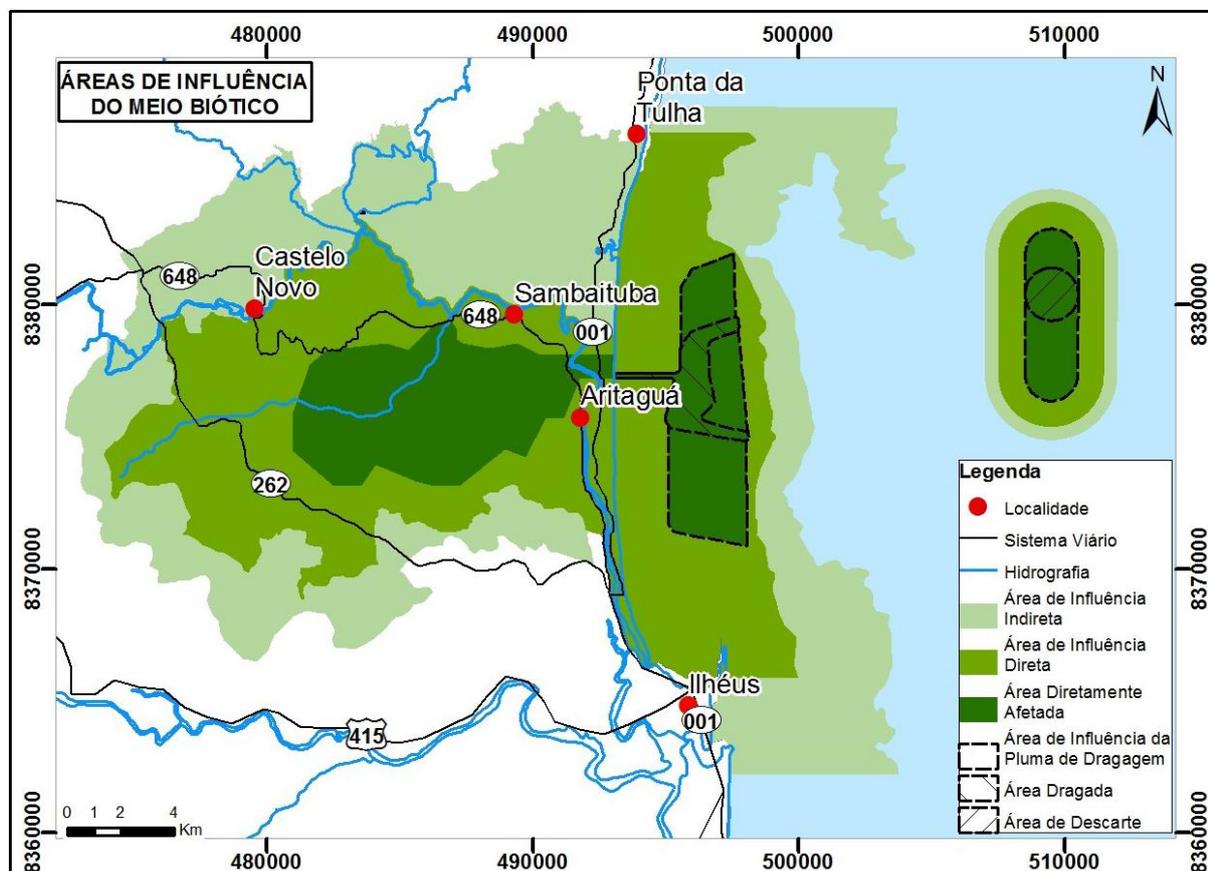
Fonte: Bahia 2011 p.40.

O RIMA destaca também a perda de habitat da fauna, mortandade de crustáceos, larvas de insetos e peixes continentais e com interferências temporárias na movimentação dos peixes no Rio Almada, na área do empreendimento.

Dentre outros efeitos negativos identificados, estão a alteração do regime de transporte de sedimentos costeiros, a alteração da qualidade das águas superficiais de mananciais continentais, alterações da qualidade do ar, a mortandade de comunidades bentônicas marinhas, da fauna fossorial, o

risco de interferências com a atividade reprodutiva de tartarugas, além do risco de contaminação da flora e de juvenis da avifauna.

Figura 03. Área de influência do meio biótico



Fonte: Bahia 2011 p.20.

Em face destes inúmeros impactos, essa nova fronteira econômica prevista para implantação não será capaz de sobrepor-se à fronteira ecológica, mas sim, destruí-la rompendo seus limites, se apropriando e destruindo suas características, desde a implantação do empreendimento e também durante a sua vida produtiva, por decorrência dos materiais poluentes a serem transportados, potencializando o impacto nocivo à fauna e flora locais, como exposto anteriormente na Fig. 3.

2. FRONTEIRA ECONÔMICA

O Porto Sul possui previsão de início das suas atividades para 2019 e seu projeto inclui um Porto Público e um Terminal de Uso Privativo. Nas áreas de instalações do Porto Público serão constituídos terminais para armazenamento e movimentação de cargas e minérios (Zona de Apoio Logístico - ZAL), além das edificações administrativas e de apoio operacionais como os 49 kms de transportadores de correia (CT). O Terminal de Uso Privativo (TUP) será destinado à exportação de

minério de ferro extraído da região de Caetitê pela Bahia Mineração (BAMIN) (Bahia 2011 p.11). Serão construídos cerca de 7,9 km de transportadores de correia (CTs) para transporte deste produto.

É necessário destacar que o referido empreendimento está projetado para suportar estruturas portuárias situadas tanto em áreas terrestres quanto marítimas. Na parte terrestre do empreendimento estão previstos ramais ferroviários, viradores de vagões, pátios de estocagem para minério de ferro, etanol, fertilizante, clínquer, soja e outros granéis sólidos. Já nas áreas marítimas, estão previstos pontes de acesso aos píeres de carregamento, um píer de carregamento de minério de ferro e outros píeres de carregamento de diversas cargas. Para possibilitar a atracação dos cargueiros, serão construídos dois quebra-mares, além dos canais de acesso e das bacias de evolução (Figura 04).

Estima-se que este empreendimento terá a capacidade nominal de exportação de 75 (setenta e cinco milhões de toneladas por ano) e 05 (cinco milhões de toneladas por ano) de importação (Bahia 2011 P.11).

Figura 04. Ilustração do projeto de implantação do Porto Sul, no Sul da Bahia



Fonte: http://www.jornalgrandebahia.com.br/wp-content/uploads/2014/10/Perspectiva_ilustrado-Porto-Sul-em-Ilhéus.jpg

Nesta sucinta exposição do empreendimento, apresentado pelo Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) do Governo da Bahia é possível prever que este empreendimento representará uma nova fronteira econômica para a região, pois poderá atrair não apenas um ganho econômico para a

cidade de Ilhéus, por decorrência do aumento da arrecadação mas também a geração de empregos indiretos e diretos.

Evidencia-se a importância da definição e sobreposição harmônica de fronteiras, de modo a permitir a preservação da Mata Atlântica situada ao norte de da cidade de Ilhéus (Bahia), tornando-a menos vulnerável à mudanças físicas e impactos diretos e indiretos decorrentes da implantação do empreendimento e a conseqüente expansão urbana . No entanto, de acordo com os impactos diretos e indiretos apontados pelo Relatório de Impacto Ambiental para o Porto Sul, os poucos remanescentes da Mata Atlântica protegidos nas Unidades de Conservação da região ficariam ainda mais vulneráveis a esta nova fronteira econômica (Bahia 2011).

É importante destacar que em face da sua grande dimensão, bem como, dos produtos a serem escoados pelos modais, até o carregamento em alto mar, essa fronteira econômica não será capaz de sobrepor em harmonia à fronteira ecológica existente em seu percurso, pois as mesmas se tornarão excludentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação cornucopiana de que a terra é provedora, mãe pródiga, abundante em riquezas e que suporta todas as investidas humanas de extração de recursos é uma visão no mínimo limitada da sociedade. É preciso compreender que quanto maior a dependência de recursos naturais como fonte de riqueza, tanto menor tende a ser a prosperidade de um país.

O Porto Sul é um empreendimento que tem sido amplamente debatido, defendido e também condenado por diferentes atores sociais. Como não se tem respostas precisas acerca dos impactos sociais, econômicos, culturais e ecológicos antes de sua implantação, o conflito entre as convicções e limites são latentes.

A partir dos dados coletados nos documentos oficiais do Governo da Bahia foi possível descortinar a complexidade que se apresenta acerca da proposta de implantação do Porto Sul na região de Ilhéus, no Sul da Bahia, principalmente em relação à vulnerabilidade da fronteira ecológica na região.

A criação de uma nova fronteira econômica na região oriunda do empreendimento Porto Sul tem sua atividade focada quase exclusivamente em exportação de produtos “in natura”, como minérios, se apresentam como potencialmente poluentes para o bioma local. Ressalta-se também que o referido empreendimento redimensionará a área da atual região em face dos danos da implantação de sua infraestrutura.

Essa fronteira caracteristicamente produtiva e econômica tende a romper as variadas fronteiras ecológicas das unidades de conservação (UCs) locais, inviabilizando-as à medida que as desconstrói.

A compreensão das fronteiras, suas sobreposições e o papel da conservação como a defesa da floresta e da biodiversidade local parece ser o modo mais eficaz de minimizar os conflitos entre fronteiras sociais, culturais, ecológicas e a fronteira econômica que tende a se impor e a gerar perdas irreparáveis às demais. No entanto, é possível afirmar que, em termos de conservação da biodiversidade, as fronteiras ecológicas hoje existentes ao norte da cidade de Ilhéus não conseguirão coexistir em sobreposição à fronteira econômica proposta pelo empreendimento Porto Sul.

AGRADECIMENTOS

Muito obrigada aos Profs Drs. José A. Drummond e José Franco do CDS/UNB; e ao Sr. Rui B. da Rocha, Presidente do Conselho Deliberativo do Instituto Floresta Viva – Brasil.

REFERÊNCIAS

Bahia 2011. *Relatório de Impacto Ambiental Porto Sul, Derco and Consórcio Hydros*. Available from: <http://www.inema.ba.gov.br/estudos-ambientais/avaliacao-ambiental/porto-sul/>.

Cunha E da 1963. *Os sertões*. Editora da Universidade de Brasília, Brasília.

Dean W 1996. *A Ferro e Fogo: História e Devastação da Mata Atlântica Brasileira*. Cia das Letras, São Paulo.

Drummond JA 2007. Áreas de fronteira, recursos naturais e dinâmicas sociais: breve reflexão conceitual e analítica. Ideias para o ensino das Ciências. *Maquinação* 1(1):06-09.

Haller AO, Torrecilha RS, Haller MC, Tourinho MM 2000. Os níveis de desenvolvimento socioeconômico da população da Amazônia brasileira – 1970 e 1980. *História, Ciência e Saúde – Manguinbo* 6(suplemento): 941-973.

Hennessy A 1978. *The frontier in Latin American history*. University of New Mexico Press, Albuquerque.

Lino CF, Dias H. (Orgs) 2014. Anuário Mata Atlântica 2014: Convenção da Diversidade Biológica - Metas de Aichi – CDB - A Mata Atlântica e as metas Nacionais da Biodiversidade para 2020. *Instituto Amigos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica*. IA-RBMA, São Paulo.

Merriam SB 2002. *Qualitative research in practice. Examples for discussion and analysis*. Jossey-Bass, San Francisco, p.464.

Oliveira LL 2000. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. UFMG, Belo Horizonte.

Rosa J 1967. *Grande Sertão: veredas*. Editora José Olympio, Rio de Janeiro, p.192.

Russell-Wood AJR 1988. *Frontiers in Colonial Brazil: Reality, Myth and Metaphor. In Latin American Frontiers, Borders and Hinterlands: Research Needs and Resources.* University of California, Berkeley and Stanford University, California, pp.26-61.

Santos RF (org) 2007. *Vulnerabilidade Ambiental.* Brasília.

Turner JF 1976. *The Significance of the Frontier in American History in the Frontier in American History.* Robert E. Krieger, New York, pp.1-38.

Atlantic Forest Vulnerability in Southern Bahia Leading the Expansion of its Economic Border

ABSTRACT

This article presents the Atlantic Forest vulnerability in Ilhéus' northern region in front of the proposal to create a new economic frontier: project Porto Sul. The concepts to the topic "border", its main typologies, and highlights about Atlantic Forest vulnerabilities on the region are presented in this paper. From theoretical review about the border theme, it has been identified some overlaps about future implantation of Porto Sul. To do so, it has been used a qualitative and descriptive methodology from public data and unstructured interviews. Our goal is to identify, under biodiversity conservation point of view if ecological boundaries can coexist with the new economic one.

Keywords: Environmental Impact; Conservation; Border.

Submissão: 15/10/2014
Aceite: 04/11/2015